O que o trabalho não é (p. 79-96).

ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1997.

“Na linguagem coloquial, muitas vezes se diz trabalho por emprego, e vice-versa. ” (p.79).

“[...] a pessoa que não tem uma vaga de emprego assalariado, embora realizando um trabalho autônomo - de biscateiro, dona-de-casa, camelô, ou, mesmo artesão ou técnico -, mesmo que não o faça de modo clandestino ou informal, ainda assim poderá considerar-se desempregado ou subempregado. ” (p. 80).

“Paul Singer, conhecido economista brasileiro, [...] comenta que hoje, na prática, emprego não se entende, em primeiro lugar, como uma atividade peculiar, no sentido técnico de trabalho ou produção, mas sim como recurso de acesso, mesmo que parcial e defeituoso, a uma parte da renda, e consequentemente, ao consumo. ” (p. 81).

“Outra distinção hoje ainda muito polêmica, e que Paul Singer esclarece, é a que se refere ao conceito de trabalho produtivo ou improdutivo. [...] o trabalho só é produtivo quando cria valor, mais valor - valor maior do que é consumido, e, portanto, dê lucro para a empresa em que se realiza. ” (p. 83-84).

“O trabalho encomendado pela fábrica e realizado em casa é uma espécie de trabalho doméstico, mas sua contribuição para a produção social não é questionada. ” (p. 86).

“Na acepção mais comum da expressão, contudo, trabalho doméstico é entendido como o labor da casa, o serviço à família, que se realiza exclusivamente no âmbito privado, e como esforço isolado, muitas vezes solitário. A empregada doméstica o faz por salário na casa de outrem; mas não está livre de continuá-lo em sua própria casa, na volta do emprego. E as donas-de-casa o exercem como obrigação não remunerada. ” (p. 88).

“[...] trabalho social [...] inclui toda ação organizada que vise reduzir a inadaptação social ou que é explícita ou implicitamente preventiva da inadaptação de um indivíduo ou de um grupo. Podemos considerar como trabalhador social desde o reeducador até o animador cultural, passando pelo psicólogo escolar e o assistente social. ” (p. 93).